Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

9.º ANNO—VOLUME IX—N.º 287

11 DE DEZEMBRO 1886

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

Lisboa. L. do Poço Novo, entrada pela travessa do convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

O mez de dezembro inaugurou-se este anno por uma festa nacional apparatosa — o cortejo popular em commemoração do anniversario glorioso da nossa independencia.

A commissão do 1.º de dezembro, que tem a sua sede na freguezia de Santa Catharina abriu em tempo uma subscripção publica para uma corôa em homenagem aos heroes de 1640.

Com o producto d'essa subscripção fez-se uma corôa de bronze, que no dia 1 de dezembro d'este anno foi deposta solemnemente no monumento dos Restauradores pela commissão, acompanhada por delegações do municipio, das escolas e das associações populares.

Ás duas horas da tarde d'esse dia, reuniram-se, no Terreiro do Paço, todas as corporações que deviam constituir o cortejo, e depois de assignado o competente auto, o prestito seguiu pela rua Augusta, Rocio, rua do Principe, até á praça dos Restauradores, onde junto do monumento era esperado pela commissão d'esse monumento, a quem a commissão promotora fez entrega da corôa de bronze, que alli ficou em exposição, até ser definitivamente collocada no pedestal do obelisco.

O cortejo era numeroso e brilhante, sobresaindo, pelas suas fardas e pelo seu bello porte, os alumnos das escolas municipaes, e a corporação dos bombeiros.

No nosso numero de hoje damos uma gravura representando o desfilar do prestito.

Á noite houve illuminações como de costume, e mais do que costume, porque em muitas freguezias organisaram-se commissões de festejos, que puzeram illuminações, arcos e musicas em algumas ruas, como por exemplo na rua de S. Marçal, na rua de S. João da Matta, etc.

A festa foi modesta, mas significativa e correu na melhor ordem.

Temos hoje a registar n'esta chronica uma noticia tristissima — a da morte d'um dos nossos mais assiduos collaboradores, d'um escriptor de grande talento, do auctor d'esse interessante romance que o Occidente publicou com o titulo de *O crime do Corregedor:* a morte de Leite Bastos

Ha muito tempo que esse triste desenlace d'uma doença implacavel era infelizmente previsto e esperado: — chegou a hora terrivel e o pobre Leite Bastos foi descançar no somno eterno da labutação permanente em que gastou toda a sua agitada e accidentadissima vida.

Leite Bastos era um escriptor de raça, um talento notabilissimo e a prova é o caminho brilhante que elle fez, atravez de toda a adversidade que sempre o perseguiu, e da falta absoluta da educação litteraria que foi o estorvo com que em toda a sua carreira teve permanentemente que luctar.

A individualidade de Leite Bastos era das mais originaes e complexas que temos conhecido, as suas qualidades e os seus defeitos não tinham nada de banal, não eram pautados pela bitola commum: Leite Bastos foi um excentrico, um excentrico na sua vida litteraria, um excentrico na sua vida intima, um excentrico nas lettras, na familia, nas relações sociaes.

A sua biographia é curiosa, original como a vida phantasiosa dos bohemios de Mürger.

Essa biographia começamos hoje a tentar esboçal-a n'outro logar do Occidente, acompanhando o retrato do talentoso escriptor, que em vida não foi devidamente apreciado e a quem nem depois de morto foi feita inteira justiça, porque o talento de Leite Bastos era talento do melhor quilate, um talento que não anda muito ahi pelas ruas, e que tem direitos incontestaveis a ser apreciado pelos seus contemporaneos não só pelas suas obras em absoluto, mas pelo meio e pelas circumstancias muito especiaes em que essas obras foram produzidas.

Leite Bastos foi um excentrico e foi um desgraçado!

Parte d'essa desgraça foi forjada pelo trabalho expontaneo da fatalidade, que tambem tem os seus eleitos, outra parte foi forjada pelo seu feitio muito especial, pelo seu genio, pela sua maneira de viver.

Mas, seja d'elle a responsabilidade maior, seja do destino adverso, o que infelizmeete é certo é que Leite Bastos teve uma vida trabalhosa e infeliz, uma morte dolorosa, atribulada, a que as privações da miseria aggravaram terrivelmente os horrores da medonha enfermidade.

Finalmente esse pobre luctador foi encontrar no tumulo o descanço eterno.

Que durma em paz o grande somno sem fim!

Na nossa ultima chronica, a peça original que nos deu o theatro de D. Maria tomou-nos todo o espaço e não nos deixou fallar das novidades que nos outros theatros constituem o acontecimento das longas noites invernosas de Lisboa.

E tinhamos bastantes novidades, a começar pelo theatro de S. Carlos, aquelle que mais directamente se prende com a grande vida lisboeta.

Ahi a novidade foi nem mais nem menos do que um tenor.

Como todos sabem os tenores estão sendo em toda a parte do mundo a grande novidade de sensação.

Cada vez são mais raros, esses cavalheiros que amam por musica as Margaridas, as Valenti-

Francisco Leite Bastos — Fallecido em 5 do corrente (Segundo uma photographia)

nas, as Aidas, as Selikas e as Rosinas, á luz da rampa.

Porque isto é, não sei; mas é assim.

Barytonos, baixos, contraltos e sopranos, ha, senão aos centos, pelo menos ás duzias.

Tenores, nem aos pares, porque no fim de contas em todo o mundo lyrico moderno só se apura um par d'elles bons, positivamente um par — o Massini e o Gayarre.

Mas, os proprios mediocres, são raros e as emprezas theatraes vêem-se de dia para dia mais embaraçadas por causa d'esses sujeitos indispensaveis, que nem mesmo pagando-se a rios de dinheiro se dignam apparecer e a natureza se digna crear.

Vimos ha noites como o publico de Lisboa recebeu o tenor de força que a empreza de S. Carlos lhe apresentou esta epocha.

O sr. Cardinali, que passa em Italia por um dos tenores mais rasoaveis, que tem mesmo fama em alguns theatros, chegou, cantou .. e foi-se embora.

Que elle não deixou saudades, era bem verdade, que as suas notas intermedias eram horrorosas, era verdade tambem, mas o publico de S. Carlos, o verdadeiro *dilettante* ao passo que o punha com dono no *Rei de Lahore*, manifestando-lhe ruidosamente o seu applauso, pensava com um certo terror:

— Mas quem virá substituil o? Quem iremos agora ouvir?

E muitos entendedores do assumpto, a maior parte das pessoas lidas na historia contemporanea dos theatros lyricos, respondiam a essas perguntas abanando a cabeça e murmurando descançadamente:

— Outro talvez ainda peior! porque dos que prestam para pouco este é um dos melhores.

E o publico andava apavorado, com muito medo de ter ainda que maldizer os seus pés, e a sua sorte, e chorar lagrimas sentidas por esse mau tenor que tinha posto a andar.

Felizmente nada d'isso aconteceu, e como de ordinario d'onde se não espera é que salta a lebre, a lebre saltou agora exactamente d'onde menos se esperava.

Um dia o cartaz de S. Carlos annuncia a estreia do tenor Lucignani.

Quem demonio é? perguntavam os *dilettanti* de S. Carlos uns aos outros, e por mais que vasculhassem as suas reminescencias, e procurassem no fundo da sua memoria, nos armarios da sua sciencia, este nome de Lucignani não lhes apparecia.

Chegou a noite do debute.

O publico foi para o theatro desconfiado.

O tenor novo appareceu no primeiro acto da *Aida*. Cantou a sua primeira aria, essa aria em que Massini era delicioso, e o publico applaudiu-o.

Rhadamés conquistára o seu publico, esse publico que noites antes pateara o *Rei de Lahore*.

E effectivamente o sr. Lucignani, não sendo com certeza uma notabilidade, nem tendo pretenções a isso, é um cantor muito rasoavel, que se ouve com muito agrado.

A sua voz de tenor tem umas notas agudas formosissimas, e se as medias fossem assim o sr. Lucignani figuraria na primeira plana do mundo lyrico.

Mas não são; as notas medias são pouco limpidas, d'uma grande trivialidade, mas não se parecem nada, graças a Deus, com aquellas celebres notas medias do sr. Cardinali, que fizeram andar as solas das botas dos espectadores de S. Carlos n'uma dança, na primeira noite do *Rei de Lahore*. Não tem ainda a sciencia de canto d'um mestre consumado, mas canta muito rasoavelmente, e parece-nos que fará uma boa carreira em S. Carlos, e muito melhor carreira ainda no mundo lyrico, porque o sr. Lucignani é um artista que começa, e que tem dotes para ir longe.

Aida este anno é a sr.ª Theodorini.

Na primeira noite em que a opera se deu a illustre cantora estava visivelmente incommodada e não poude dar ao personagem da escusa filha do rei da Ethiopia o realce que se esperava do seu grande talento de cantora e de comediante.

D'ahi um ligeiro desapontamento da parte do publico; desapontamento que desappareceu na 2.ª representação da opera, que se transformou em enthusiasmo quando a sr.ª Theodorini, já restabelecida do seu passageiro incommodo, fez valer todas as nuances do papel de Aida com os seus previlegiados dotes artisticos.

O sr. Dufriche fez o papel de Amonasro e fel-o muito bem: caracterisou o perfeitamente e é o trabalho mais completo que a nosso ver tem feito no palco de S. Carlos.

Amneris foi a sr.ª Amelia Stahl uma Amneris formosissima, com certeza a mais bella que entre nós tem disputado primazias a Aida no coração de Rhadamés.

Cantou rasoavelmente toda a opera, mas no 4.º acto, a grande scena do julgamento é d'uma pujança tragica muito grande para os seus recursos de comediante, e a formosa artista não poude vencer todas as suas difficuldades.

Mas apesar d'isso a *Aida* teve um bello *successo* para o qual não contribuiu pouco o illustre maestro Mancinelli que a ensaiou e dirigiu a execução com o bello talento e a grande auctoridade que todos nós lhe reconhecemos e applaudimos.

No dia em que a nossa chronica é publicada canta-se pela primeira vez em Lisboa — pelo menos assim está já annunciado — uma opera de Bizet, do glorioso auctor da *Carmen*, para nós inteiramente nova — o *Pescador de perolas*. O pescador é o sr. Valero e a perola é a sr.ª Bendazi.

Veremos, ouviremos e fallaremos.

Nos outros theatros houve tambem algumas novidades importantes.

A Trindade deu com grande *successo* uma operetta em 3 actos a *Toutinegra do templo* que tem musica lindissima e um libretto muito engraçado, traduzido por Eduardo Garrido

A *Toutinegra* parece querer tomar o seu logar entre os grandes *successos* de operetta em Lisboa, ao lado da *Angot*, da *Giroflé*, dos *Sinos de Corneville*.

O Gymnasio apresentou em beneficio do actor Telmo, um actor muito moço, a quem o talento e o estudo vão pondo em evidencia, a traducção d'uma comedia franceza cheia de episodios engraçados *Mr. de Barbizon*.

A traducção da comedia, com o titulo de *Velhos e tolos* é muito feliz, e feita por Carlos Borges.

D. Maria prepara para muito breve a *première* d'um drama de situações violentas *Martyr*, e entretanto deu-nos, na *reprise* da comedia o *Desquite*, o debute d'um rapaz de muito talento, que deixou a Universidade de Coimbra onde cursava já o terceiro anno de direito para ser actor, no que, a julgar pelo extraordinario *successo* da sua brilhante estreia fez muito bem para si e para a arte portugueza.

Gervasio Lobato.

ANTONIO SOARES DOS REIS

Professor de esculptura da Academia Portuense de Bellas-Artes

Conhecio o pela primeira vez, pouco depois do seu regresso de Italia.

Estava então dando os ultimos retoques na sua famosa estatua *O desterrado*, mettido em um pequeno gabinete que se improvisára na galeria humida e insalubre do Atheneu de D. Pedro, esse velho arsenal de desolados mamarrachos conventuaes que se esphacelam dia a dia pela podridão do abandono e onde a par de uma ou outra tela de merecimento se archivam de envolta com o chapeu embicado do intrepido defensor das liberdades patrias e da espada de combate do primeiro monarcha portuguez, diversas garatujas e bujigangas mais proprias de uma loja de adello do que de um museu de arte.

Captivaram-me logo a despretenciosidade do artista e a lhaneza do homem e ao ouvil-o referir-se com uma modestia verdadeira e expontanea aos seus trabalhos, comprehendi que tinha diante de mim um d'esses espiritos raros para os quaes a arte é uma paixão e a honestidade um culto.

Datam desde então as nossas relações, e é á intimidade d'ellas que devo o conhecimento de factos e circumstancias que me proporcionam os elementos para esta biographia.

Os longos annos de uma convivencia affectuosa e inquebrantavel teem-me permittido acompanhar passo a passo a vida laboriosa do insigne estatuario e assim por muitas vezes como que se tem repercutido na minha alma os éccos lancinantes das suas tremendas angustias e as hossanas gloriosas dos seus brilhantes triumphos.

Nem a phantasia nem a adullação cega e convencional entrarão portanto nas linhas que vou escrever, porque se é grande a amizade que consagro a Soares dos Reis e immensa a admiração que tributo ao seu talento, nunca esses sentimentos poderiam obsecar-me a ponto de transformar a verdade nitida dos acontecimentos em expansões thuribularias de um cervilismo abjecto.

Demais, nem o artista necessita d'esses meios insensatos para o erguerem no conceito publico onde já tem de ha muito firmada solidamente a sua reputação, nem o meu caracter se prestaria a amesquinhar com louvores exagerados a pureza e a magnitude de um nome que de per si se tem imposto ao respeito de todos.

Dadas estas explicações para mim imprescindiveis, começarei esta biographia pela época em que o biographado deu o primeiro passo no caminho da arte.

Antonio Soares dos Reis matriculou-se no 1.º anno dos cursos de esculptura, desenho e architectura da Academia Portuense de Bellas-Artes em 1 de outubro de 1861, tendo frequentado algum tempo antes a aula de desenho, e terminou os seus estudos em agosto de 1867, chegando durante esse tempo a estudar tambem pintura pelo espaço de dois annos.

Foram seus professores: de desenho, o sr. Thadeu Maria de Almeida Furtado, actual secretario da Academia; de architectura, os srs. Joaquim da Costa Lima, Manuel José Carneiro e Manuel de Almeida Ribeiro, já fallecidos; de esculptura, o sr. Manuel da Fonseca Pinto, tambem já fallecido, e de pintura o sr. João Antonio Correia.

Approvado e classificado como distincto em todos os exames dos diversos cursos, excepto no segundo anno de architectura, foi-lhe conferido o primeiro premio no 5.º anno de desenho e tendo concorrido depois com os trabalhos dos exames do 5.º anno de esculptura e do 5.º anno de architectura ao concurso trienal, obteve outro primeiro premio em ambas essas especialidades.

Não me cumpre distrinçar aqui o verdadeiro valor d'esses premios em face da organisação que então possuia a Academia Portuense de Bellas-Artes e do modo como o ensino se ministrava.

No emtanto para bem se avaliarem esses pontos que creio essenciaes para a historia do ensino das bellas artes em Portugal, e para se conhecerem melhor as difficuldades em que se veriam no estrangeiro os alumnos sahidos n'essa época d'este estabelecimento, julgo indispensavel registrar aqui algumas ligeiras notas, a simples titulo de esclarecimento.

A aula de architectura, por esse tempo, redigia-a Joaquim da Costa Lima, cuja assiduidade era tal, que se passavam quasi semanas inteiras sem uma lição sequer do professor, caminhando por tanto os alumnos entregues a si proprios e sem a mais leve orientação artistica.

Os estudos eram feitos segundo uma especie de programmas pregados nas portas das aulas e que mal se podiam ler, ou então ordenados *ad libitum* pelos professores, de modo que as mais das vezes não havia a menor sujeição a taes programmas.

O merito dos estudantes aquilatava-se, não pelas provas que se apresentavam nos exames mas sim pelo numero de faltas, de modo que o alumno de talento e que patenteava a maxima aptidão nos seus trabalhos finaes era muitas vezes preterido por um inhabil que apenas tivera o merito da assiduidade, se bem que nem sempre sufficientemente aproveitada.

Segundo as praxes estabelecidas, só no 5.º anno de cada curso é que se *permittia* ao alumno o fazer estudos de invenção propria, resultando d'isto que o estudante, por falta de pratica, chegava ao fim do curso sem saber o que era compor um quadro, uma estatua ou um projecto. A copia da estampa, do gesso ou do modelo vivo, nas suas mais mesquinhas restricções, era o que predominava.

Foi n'estas condições de desenvolvimento intellectual que Soares dos Reis poude apresentar no 5.º anno de architectura o projecto de um theatro.

A respeito d'este projecto deram-se com Soares dos Reis as seguintes curiosas peripecias:

O moço artista nunca tinha entrado em nenhum theatro e quando pediu a seu pae permissão para assistir a um espectaculo a fim de se orientar nas minudencias da sala, para melhor poder elaborar e seu projecto, a recusa formal a esse pedido levou-o ao auge do desespero.

No entanto sempre conseguiu ver de dia os theatros de S. João e do Baquet, e se bem que não ficasse naturalmente comprehendendo demasiado o assumpto que ia tratar, fez o projecto, pôz-lhe o distico *Theatro* e sentiu a alegria de o ver laureado com um primeiro premio.

O peor porém era que o trabalho ficára incompleto e como devia figurar no concurso triennal, Soares dos Reis teve de o aperfeiçoar.

Levou-o então para casa e nos curtos intervallos que lhe sobravam das funcções de marçano que continuava a desempenhar na pequena mercearia de seu pae, subia ao seu quarto e lá ia dando uma aguada á pressa, emquanto os freguezes, em baixo, reclamavam a sua presença para algum arratel de assucar ou arroz.

Um dia, porém, um desastre temeroso veio desanimar o aprendiz de architecto.

Uma batega de agua, filtrando-se pela rêde carunchosa dos barrotes do telhado, ensinou em poucos minutos ao artista o modo como se dava uma aguada geral côr de fuligem...

O trabalho, producto de tantas vigilias, estava estragado e como se isto já não fosse bastante, a desgraça foi completada no mesmo dia com uma boa sova que o pequeno alumno levou do pae, por causa das fugas que fazia da loja para poder remediar o mal produzido pelo aguaceiro.

Emfim o projecto lá figurou na exposição triennal, foi premiado e naturalmente mais tarde teve de ser applicado a embrulhar algum pedaço de toucinho.

(Continúa) *Manuel M. Rodrigues.*

LEITE BASTOS

Quem o visse não dava nada por elle: era o que vulgarmente se chama uma fraca figura. Mais baixo que alto, braços muito curtos, sempre arqueados, pescoço esgalgado, um pouco alcachinado, olhos muito pequenos, mas muito vivos, myopes, mas irreconciliaveis com lunetas, cara magra, ossuda, sobre o comprido, parecendo ainda mais longa pelo bigode e pera do formato litterario de ha vinte annos a que se conservou fiel quasi que até ao fim da vida, cabello um pouco anelado, que foi ainda do tempo da cabelleira romantica, calvicie precoce, *toilette* descuidada, muito descuidada mesmo, ultrapassando muitas vezes os limites marcados á despreoccupação do trajo, e aqui teem o aspecto moral de Leite Bastos, o aspecto com que elle fagulhava por essas ruas sempre muito atarefado, bamboleando-se muito, mordendo a ponta d'um charuto que se accendia mil vezes e se deixava apagar outras tantas, parando aqui e alli, fallando a uns e a outros, fazendo sempre grande ruido, porque era um espalha de força, e deixando sempre atraz de si um enorme rastro de gargalhadas, porque era um engraçado irresistivel.

Quem o visse podia julgar que elle fosse tudo desde um official de diligencias até a um usurario sordido, tudo, menos um talento dos mais brilhantes, dos mais alegres, dos mais modernos da nossa terra.

Pois era!

Esse fraca figura, era um forte, esse insignificante apparente tinha uma significação triumphante, a significação do talento, da vocação, da tenacidade.

Leite Bastos era um triumphador, um triumphador de si proprio, o triumphador da sua ignorancia crassa, da sua educação descurada, da sua absoluta falta de principios da mais rudimentar illustração.

Triumphou pela unica força do talento e da vontade; estudou tudo que não sabia, adivinhou tudo o que não podia estudar.

Não teve a educação — esse elemento poderoso, mas tinha a intuição — essa potencia dos gigantes.

E para o seu meio, para a sua terra, Leite Bastos foi um gigante.

Nós não nos habituámos a vel o ainda assim tão grande, porque o vimos muito ao pé.

E as grandezas intellectuaes são exactamente o contrario das grandezas materiaes, só se vêem bem... de longe.

*
* *

Francisco Leite Bastos nasceu em Lisboa, na rua Larga de S. Roque, em 1841.

Seu pae, João Leite Bastos, era filho do proprietario d'um dos grandes predios que então havia n'essa rua — o predio aonde ainda hoje está a loja do funileiro successor de Maciel — o que equivalia a dizer n'esse tempo que era um dos personagens notaveis da rua.

Leite Bastos desde pequeno começou a andar por alli, nas palminhas da visinhança, que sabia perfeitamente que era verdadeiro o dictado de que — quem meus filhos beija a minha bocca adoça.

E o pequenito merecia realmente essas palminhas: era um traquinas engraçado, levado da breca, que fazia andar tudo n'uma poeira.

O pae um dia metteu-o n'um collegio.

O Francisquinho — o Cócó — como lhe chamava a familia, foi; mas um bello dia, quando todos o imaginavam a dar a sua licção, muito applicado, o Cócó foi encontrado em S. Pedro d'Alcantara a jogar a pancada com uma sucia de garotos, quebrando cabeças com a Grammatica e com a Taboada com que o mestre lhe ensaboava a cabeça a elle.

O pae levou-o para casa por uma orelha, ou pelas duas, e o Cócó teve por castigo vinte e quatro horas de carvoeira.

Naturalmente foi d'ahi, d'essa reclusão entre o sobro e a cepa, que lhe veiu a vocação de fazer bolas, — profissão em que o iremos encontrar d'alli a nada.

Descoberta a primeira partida do Cócó a familia desceu ás informações e veiu a saber que aquella pancadaria de S. Pedro d'Alcantara não era uma excepção, era o pão nosso quotidiano da sua vida de collegial.

O mestre não lhe punha a vista em cima ha que tempos, e o Cócó em vez de ir para o collegio passava todo o santo dia no bello regabofe.

A carvoeira foi aggravada com penas corporaes, mas foi pancada perdida.

Leite Bastos não estava para se massar em collegios, e depois de com muito custo e muitas sovas ter conseguido que o rapaz soubesse lêr e escrever, o pae teve que desistir de levar mais longe aquella educação tão pouco auspiciosamente preparada

— Não se faz nada d'elle, concluiu por fim o pae do Cócó, e deixou-se de o aperrear.

Entretanto o pequeno ia crescendo, ia tendo ambições de dinheiro.

Como arranjal-o?

O pae? nem pensar n'isso. A mãe dava-lhe uns vintens que desappareciam como manteiga no verão.

— Vá ganhal-o, diziam-lhe quanda elle choramingava por uns patacos.

E Leite Bastos encheu-se de resolução e disse convencido:

— Pois sim senhor, vou ganhal-os.

E começou.... a fazer bolas.

O carvoeiro da casa, um tal Farrusca era muito amigo do endiabrado pequeno e iniciou-o nos segredos da sua escura profissão, ensinou-lhe como d'um pedaço de greda e d'um punhado de cisco surge redonda a bola.

Leite Bastos principiou a ser fornecedor de bolas para o Farrusca, e a transformar cisco e tempo em dinheiro.

E as bolas rendiam, talvez lhe rendessem mais que a litteratura e com menos trabalho, mas Leite Bastos fartou-se depressa

Como das bolas elle passou para Santo Antonio é que eu não sei, mas o que sei é que o Cocó deixou a carvoaria pelo oratorio e que um bello dia — lembra me como se fosse hoje e já lá vão trinta annos! — indo a casa do pae d'elle, meu tio direito, irmão de minha adorada mãe, vi, com grande gaudio dos meus seis annos, uma sucia de Sant'Antoninhos de barro, todos do mesmo tamanho postados no meio da casa de jantar e o Cocó muito atarefado fazendo-lhes a bocca a cruz e a peanha com a mesma tinta encarnada.

A volubilidade era um dos principaes caracteristicos do espirito de Leite Bastos, e d'ali a dias do mesmo modo que os Santo Antonios tinham morto as bolas, os phosphoros mataram os Santo Antonios.

Como se operou essa nova mudança de industria tambem não sei, mas é certo que durante alguns mezes Leite Bastos foi um dos mais valiosos fornecedores de phosphoros de pau, ou antes, de pau sem phosphoros, d'uma fabrica que então havia na Serração da Pedra.

Leite Bastos fazia os palitos, na fabrica besuntavam os com massa phosphorica, e ganhava o fabricante e ganhava o Cocó.

E assim n'estas extraordinarias industrias o talentoso escriptor cuja morte a litteratura portugueza tem hoje obrigação de chorar, foi passando a sua infancia extravagante e original, como foi toda a sua vida e todo o seu talento.

Quando ia começando a ser homem, a entrar na adolescencia, seu pae morreu phtysico, deixando-lhe essa triste herança, e uns magros tostões — dois contos de réis se tanto.

Sua mãe D. Maria Fortunata, ficou tutora do filho: mas filho e mãe tinham caracteres excentricos e oppostos, não se davam bem. O sub tutor interveio a deitar agua na fervura; mas era um homem pouco sympathico ao pupillo, e em vez de deitar agua no fogo deitou lhe azeite.

Leite Bastos fugiu de casa e andou por ahi cinco ou seis dias ao Deus dará, dormindo pelas praças publicas, pelos vãos d'escada.

Minha mãe, quando soube d'isto teve um grande desgosto. Era muito amiga d'elle, e elle, honra lhe seja, elle que não era muito de grandes amisades, pagava-lhe na mesma moeda. Interveio, pobre santa! n'essa lucta entre sua cunhada e o filho de seu irmão e levou-o para sua companhia.

Ainda me lembro da alegria, da festa que foi para nós, para mim e para minha pobre irmã, morta já tambem — o dia em que o Cocó foi para nossa casa.

E essa festa prolongou-se por uns poucos de mezes, por mais d'um anno que elle lá esteve.

N'esse tempo já a litteratura dominava completamente aquelle espirito juvenil, e á noite, o Leite Bastos escrevia comedias que representava com bonecos de barro em cima da nossa mesa de jantar e que nós applaudiamos com um grande enthusiasmo, como d'ali a annos o publico das Variedades e do Principe Real applaudia as *Glorias do Trabalho*, os *Trapeiros de Lisboa*.

Ainda tenho guardado um dos personagens d'essas comedias, um sapateiro de barro que se chamava Mathias, e que dá muito que scismar á minha Sarah e á minha Mimi, todas as vezes que vêem esse boneco guardado gravemente na gaveta da minha secretaria.

Emquanto Leites Bastos fazia comedias na nossa casa de jantar, o meu pae luctava no conselho de familia com o sub tutor que o queria mandar pela barra fóra.

Luctou e venceu, Leite Bastos não embarcou nem sentou praça como o queriam obrigar: o conselho de familia nomeou meu pae tutor do menor e d'ali a semanas o Cocó entrava com um pequeno ordenado para uma das repartições do quartel de marinheiros.

(Continúa) *Gervasio Lobato.*

AS NOSSAS GRAVURAS

A LIBERDADE ILLUMINANDO O MUNDO

Estatua collossal em New York

No dia 28 de outubro, proximo passado, foi officialmente inaugurada a collossal estatua «A Liberdade illuminando o mundo», collocada á entrada do porto de New York, na ilhota de Bedloe.

Esta estatua foi modelada em França nos ateliers de Paris dos irmãos Gazet, sobre o modelo de Bartholdi, que iniciou a ideia d'esta estatua ser feita por subscripção publica, e de França a offerecer aos Estados Unidos, o que se realisou com grande enthusiasmo dos dois paizes.

O governo dos Estados Unidos mandou fazer á sua custa o pedestal e as obras necessarias na ilhota de Bedloe para assentar o monumento.

Fizeram-se dois modellos d'esta estatua, sendo o primeiro de 2,^{m} e 11 cent. de altura e o segundo de 8,^{m} e 50 cent. Foi este ultimo modello que serviu para a execução da estatua, augmentado quatro vezes o que produziu as seguintes dimensões: 34 metros d'esde os pés até á parte superior da cabeça; 33,50 metros desde o plinto até á parte superior do diadema. e 46,08 metros desde a mesma base até á extremidade do facho que sustenta na mão direita; o dedo indice da mão direita tem o comprimento de 2,45 metros por 1,54 de grossura na segunda phalange, a unha mede 0^m,36 por 0^m,26; a cabeça tem 4^m,40 de altura, cada olho 0^m,65 e o nariz 1^m,12 de comprimento.

Quando a cabeça d'esta estatua foi exibida na exposição de Paris de 1878, deu-se dentro d'ella uma refeição a 40 individuos.

A estatua é de cobre batido, e foi feita em peças separadas da espessura de 3 milimetros assentes em armação de ferro a qual é sustentada por uma outra armação tambem de ferro que fórma, o esqueleto da estatua.

Uma escada interior em espiral dá accesso a toda a altura da estatua.

O peso total d'este collosso ascende a 200:000 kilogrammas. A estatua foi dividida em 300 peças que o vapor *Isere* transportou de França para New York.

A execução d'esta estatua colossal e a sua collocação, representam um trabalho extraordinario que faz lembrar as grandes obras da antiguidade, que hoje mal se comprehende como poderam ser feitas, apesar de todos os progressos do nosso seculo.

A estatua é illuminada a luz eletrica por meio de um apparelho de cinco jactos com a força de 30:000 vellas. Nos quatro angulos do pedestal, na quatro jactos da força de 6:000 vellas.

A luz produzida d'este modo tem uma intensidade illuminante que alcança a distancia de 100 milhas, ou 130 kilometros.

Esta estatua bem se póde considerar uma maravilha do seculo XIX.

MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA

OS VAPORES MASSABI, CACONGO E BARCA CABINDA

O governo portuguez adquiriu em Inglaterra os tres navios que a nossa gravura representa, com destino ao novo districto do Congo, decretado depois da conferencia de Berlim, que marcou os limites da provincia de Angola na margem direita do Zaire.

Estes navios fazem parte da expedição official de funccionarios que brevemente partirá para o Congo á frente da qual vae o sr. Neves Ferreira na qualidade de governador.

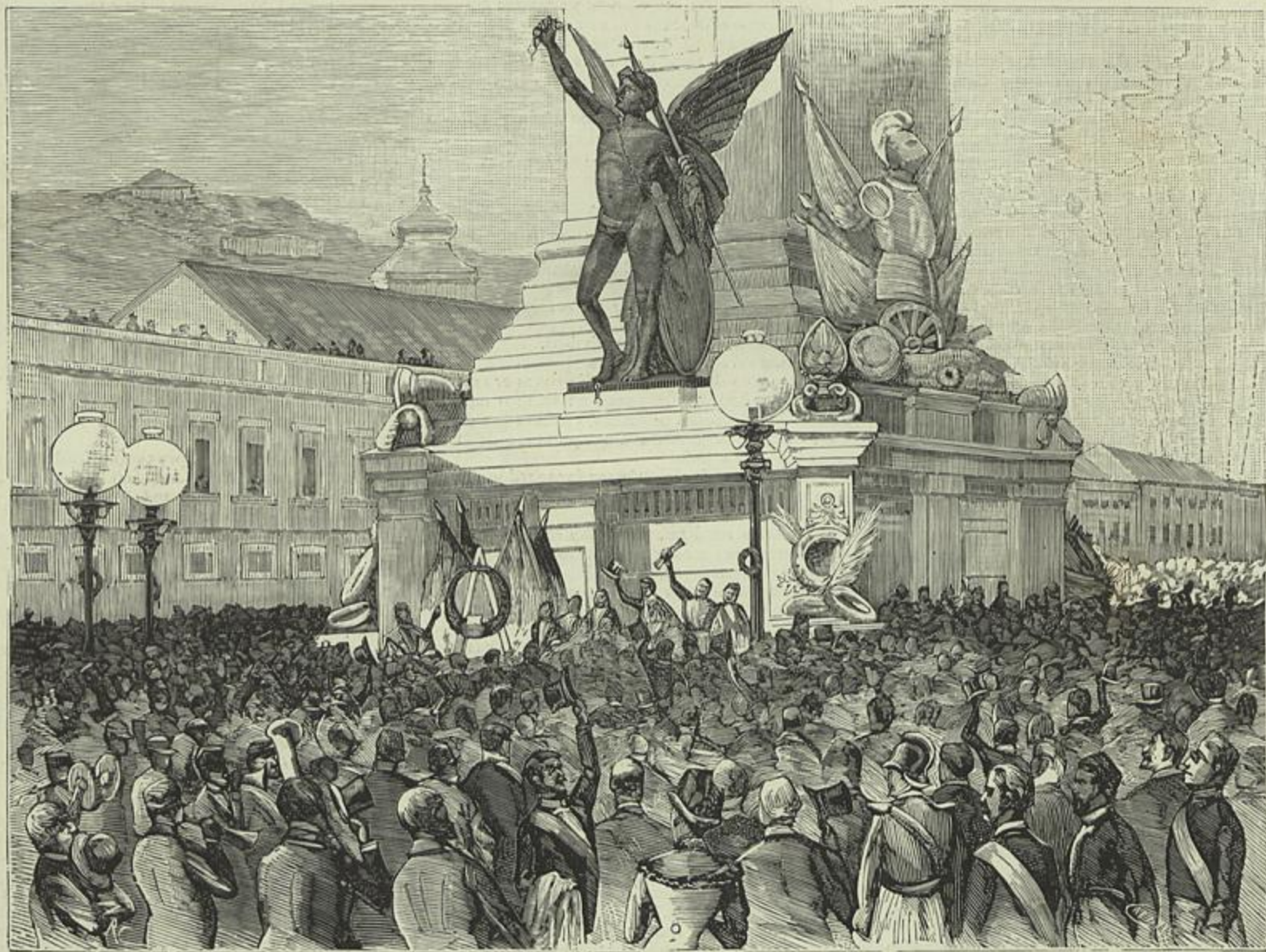
Brevemente nos occuparemos d'esta expedição, assim como dos navios, que estão prestes a partir para o Congo.

Uma visita ao Limoeiro

VIII

Entremos na rouparia que é tambem no ultimo pavimento, e isto de lhe chamarmos rouparia é um modo de dizer, porque segundo nos affirmou o sr. director, não existe n'esta casa coisa a que se possa chamar roupa.

Embrulhados em fórma de pacotes existe grande quantidade de farrapos ou outras tantas camisas e ceroulas em ruinas, que difficil será distinguir que aqui fôra uma manga ou uma fralda, acolá fôra uma perna ou um cós. Vestigios remotos de coisa que se vestisse e mais nada.

Como se explica, porém, tanto farrapo, interrogará o leitor; e a nossa resposta é simples: Na rouparia do Limoeiro não ha roupa usada nem nova, pela razão de para lá não entrar. Os presos indigentes que vestem da casa, esperam cinco e seis mezes por uma camisa ou umas ceroulas que requerem á repartição competente, e quando o seu requerimento ou petição é despachado, acontece que a roupa que o preso tem vestida é apenas *in nomine* porque ao certo ella não é mais

A FESTA DO 1.º DE DEZEMBRO, JUNTO AO MONUMENTO DOS RESTAURADORES (Desenho do natural por J. R. Christino) Vid. "Chronica Occidental"

que frangalhos immundos incapazes de tornarem a servir, e por este processo o preso anda immundo seis mezes para estar limpo seis dias. É o caso do fidalgo *antes roto que recommendado*. E eis aqui a razão porque na rouparia só ha farrapos, que são os taes que os presos despem.

Parece-nos que com a mesma ou menos despeza, o ministerio da justiça, poderia dar roupa aos presos indigentes, em condições mais hygienicas e economicas.

Mas deixemos a rouparia e visitemos as enfermarias que são ainda no mesmo pavimento em que estamos.

São tres as enfermarias com doze camas cada uma, bem dispostas e espaçosas, tendo bom ar e boa luz. Uma d'estas enfermarias estava em obras quando alli estivemos.

Os srs. Joaquim Antonio de Oliveira Namorado e Alfredo Lopes dirigem estas enfermarias e visitam diariamente os doentes que em geral nunca chegam a occupar as camas todas.

Vimos lá uns cinco ou seis, dos quaes a maioria eram velhos, e entre estes um pobre guarda de 87 annos de idade com 34 annos de serviço na cadeia.

Este pobre homem já não podia fazer serviço, pela sua idade e doença, entretanto estava alli por commiseração do sr. director, porque a lei não lhe garantia refórma.

N'um paiz em que se reformam do serviço publico homens válidos, mandando-os para casa com os seus ordenados, custa a crer que os pobres guardas do Limoeiro, que não é emprego de cubiçar tanto pelo serviço como pela paga, estejam fóra da lei geral para os effeitos de refórma.

Como dissemos as enfermarias são boas, e poderá mesmo dizer-se que é a melhor coisa que encontrámos no Limoeiro, no que parece que este edificio está melhor disposto para hospital do que para cadeia, muito principalmente com relação aos quartos particulares seus visinhos do lado.

A cosinha pertencente ás enfermarias é muito melhor que a cosinha onde se faz o rancho para os presos. Aquella mostra ter o necessario para a manipulação, esta só se sabe que é cosinha quando d'isso nos previnem, porque de resto apenas vimos uma casa estreita, com umas fornalhas da nossa altura, em que estão encravados entre as paredes de tijolo dois enormes caldeirões, por baixo dos quaes se faz o lume.

Uma grande colher de ferro e um caldeirão para onde é baldeada a comida que está nos caldeirões fixos, foi toda a bateria que vimos n'esta cosinha.

IX

Depois de termos visitado as enfermarias, descemos ao primeiro pavimento onde é o parlatório.

Esta casa tem tres applicações distinctas e uma só verdadeira que é o parlatorio.

Uma grade de ferro, miuda e de varões até mais de meia altura da casa, divide os presos das pessoas que os vão visitar, mas como esta pratica só tem logar a certas horas do dia, depois o parlatório transforma-se em escola, e então um preso, a

Inauguração da Estatua da Liberdade, illuminando o mundo, á entrada do porto de New-York, 28 de outubro de 1886

que já nos referimos quando fallámos da secretaria, dá lição a uns trinta a quarenta discipulos, pelo methodo de João de Deus, com o que tem colhido bellos resultados.

Será bom notar que a escola não entra no regulamento official da cadeia, e que esta parte que mais devia preoccupar os legisladores, e devia figurar em primeiro logar na organisação da cadeia, é officiosamente preenchida por um preso, que tão humanitariamente se redime do seu crime.

A outra applicação do parlatorio é a de servir de capella!

Ao fundo da casa ha um oratorio mettido na parede e fechado com portas de madeira. N'esse oratorio reza-se missa nos dias santificados, e a ella assistem os presos que querem cumprir com o preceito religioso.

Não achamos proprio que aquelle acto se celébre n'esta casa, mas não vimos outra onde podesse ter logar.

Isto mostra tambem outra má organisação da cadeia, porque sendo a escola e a religião os mais poderosos agentes da civilisação e regeneração do homem, estes dois elementos tão essenciaes, são na cadeia completamente descurados, existindo apenas como incidente.

Todos os meios que conduzem a civilisar o homem, a morigeral-o, a fazel-o conhecer o bem e o mal, a rehabilital-o se elle delinquiu, devem ser o principal regimen a observar n'uma cadeia, e só assim a cadeia se tornará um elemento civilisador, em vez d'uma escola do crime.

O Limoeiro está longe e muito longe de preencher aquelle fim, e na verdade se surpreza tivemos na nossa visita ao Limoeiro, foi na sua administração economica que não póde ser mais pobre e miseravel.

A miseria alli transuda por todos os lados, e não se sabe se estamos n'um estabelecimento do estado, se n'uma casa que vive de esmolas e á mercê da sorte.

Principiando pelo edificio que, tal como é, está o melhor applicado possivel ao fim que se destina, o que não quer dizer que seja bom, passemos ao pessoal que não póde ser mais exiguo nem mais mal pago.

Os guardas em numero de quatorze alternam o serviço, fazendo a guarda das prisões sete em cada dia. Estes sete homens teem que guardar quatro salas, tres enxovias, tres enfermarias, as officinas, o segredo e a casa forte, e trinta quartos particulares, tudo isto disposto em pavimentos diversos, com um labyrinto de corredores e escadas a maior parte escuros.

De noite, depois do toque de ferros que é ao mesmo tempo o toque de silencio, os guardas vão para o dormitorio onde um fica de vela.

Se ha qualquer incidente que reclame a presença do guarda, o que é frequente, este é chamado por meio de campainha que o juiz da prisão toca, a qual está em communicação com o dormitorio.

O systema de campainhas é o primitivo, muitos cordeis e arames. Campainha electrica é como se tal coisa não existisse no mundo, e outro tanto acontece ao gaz.

A illuminação por um excesso de modernismo é feita a petroleo, em vez de azeite de peixe como a antiga illuminação de Lisboa, mas para illuminar interior e exteriormente a cadeia, é apenas abonada a verba de 15$000 réis por mez, o que é de deixar tudo ás escuras.

Reunindo todas as miserias que temos referido na longa series de artigos publicados, devemos concluir que se todos os serviços do estado fossem tratados com tão rigorosa economia, esse terrivel deficit do orçamento, eterno pesadello dos nossos financeiros, estaria magro como as vaccas do sonho de Pharaó, a encher-nos as faces de vergonha por sermos tão mesquinhos.

Senhores financeiros quereis matar o deficit, deitae uma vista de olhos para a administração do Limoeiro, aprendei a ser economicos, e vos affiançamos que o terrivel monstro se finará a mingua de emprestimos e de agiotas.

X

Quando sahimos do Limoeiro eram 3 horas da tarde, e o sr. director deu-nos uma ordem para o guarda do Aljube nos mostrar aquella prisão.

O Aljube é a prisão destinada ás mulheres, e faz parte da cadeia do Limoeiro sob a direcção da qual está.

Fica a pouca distancia d'este, defronte das trazeiras da Sé, n'um pequeno edificio de tres pavimentos, que foi ha pouco reedeficado interiormente, ficando muito aceado e bem disposto.

No primeiro pavimento é a enxovia ou prisão para as indigentes, e no segundo pavimento é a sala livre, onde se paga 390 reis á entrada.

Ha um quarto particular no terceiro pavimento e uma pequena enfermaria com quatro camas.

Vimos alli a mulher que se perdeu de amores pelo *cupidinho* a que nos referimos no artigo VI. Era magra, alta e feia, e nada faria suppor que estava alli uma Lucrecia d'aquella força, que se apaixonava por monstros como o citado amante.

No Aljube a maior parte das presas fazem a comida, para o que tem cozinha, e mais felizes que os seus collegas do Limoeiro, tem tinas e agua para se banharem.

Ha uma capella feita expressamente, onde se celebra missa nos dias santificados, e tivemos occasião de vêr o acceio e ordem em que as prezas trazem esta capella.

A estatistica do movimento d'esta prisão é muito favoravel ao sexo fraco. A media das prezas anda entre 30 a 40, e o vulgar das penalidades não passa de 8 a 30 dias de prisão.

Concluindo a nossa tarefa temos ao menos a satisfação de a terminar-mos dando esta nota tão favoravelmente significativa a respeito do bello sexo, o que nos fez pensar tristemente sobre dizer-se que «a mulher é a autora de todas as desgraças do homem...»

Já sei..., é porque os homens é que tem a culpa em carregar com essas desgraças todas.

Caetano Alberto.

ACTUALIDADES SCIENTIFICAS

XXII

Pasteur — zoilos medicos — novos triumphos do methodo prophyllatico de Pasteur para combater a raiva — 2490 pessoas tratadas — Poeiras cosmicas e luminosas — Experiencias de Broun Sequard sobre a rigidez cadaverica — Emigração de plantas.

Como Jenner, o celebre inventor da vaccina, Pasteur continua a soffrer os ataques de individuos que não permittem que ninguem tenha inventado a polvora pela simples razão, de que não foram elles que descobriram o famoso explosivo. Na sessão de 9 do corrente, na Academia de Medicina de Paris, um snr. Colin, tractando do ultimo relatorio de Pasteur, onde se apontam 2:490 pessoas curadas pelo tratamento do celebre microbiotechnista, disse:

«— que essas pessoas foram inoculadas, é certo; que ellas tenham sido mordidas, tambem pode ser certo, mas que todas as mordeduras tenham sido feitas por animaes damnados, quanto a isso parece-me mais que duvidoso.» Entre as objecções apresentadas pelo rabico censor ha uma que mostra até onde póde levar o espirito de contradicção. As pessoas mordidas por animaes, nos quaes a raiva foi devidamente reconhecida, diz elle, não são atacadas da raiva! E finalmente de sophisma em sophisma, de absurdo em absurdo conclue que Pasteur havia inoculado 2:490 pessoas sãs e escorreitas embora tivessem sido mordidas por cães, gatos e lobos damnados!

Esta dialetica apaixonada de um medico, contra as inoculações preventivas provam de sobra quanto póde o interesse material, isto é, a bolsa do medico sobre o interesse da humanidade. Não recua ante o absurdo. Que lhes importam a elles as victimas se as suas bolsas se enchem? E tirando alguns, raros, em França, é assim. Ainda não ha muito que o *Temps*, um jornal que ninguem poderá taxar de leviano ou de menos veridico — narrava o caso estupendo de um facultativo que deixára morrer uma pobre senhora, nos terriveis transes d'um parto, porque o marido lhe confessára não poder-lhe pagar immediatamente 4 libras, — 100 francos! Para honra da medicina portugueza, força e confessal-o, que entre nós nunca se deu caso semelhante.

Eis a lista das 2:490 pessoas:

Inglaterra	80
Austria-Hungria	52
Allemanha	9
Belgica	57
Hespanha	107
Grecia	10
Hollanda	14
Italia	165
Portugal	25
Russia	191
India-Ingleza	2
Rumania	22
Turquia	7
Suissa	2
Estados-Unidos	28
Brazil	3
França / Argelia	1726

Sobre os 1726 francezes apenas em 10 o tratamento foi inefficaz. De modo que o tractamento falhou em 1 por 172,6. Esta percentagem que demonstra a efficacia do methodo, avigora-se ainda pelos numerosos obitos resultantes das pessoas mordidas e não tratadas.

— As poeiras cosmicas cahem sobre as altas montanhas, mas sobre tudo é nos polos ou proximo d'elles que o phenomeno toma maior intensidade.

O celebre explorador Nordenskjol observou no mez de novembro ultimo, nos mares polares a apparição de uma claridade analoga ao luar. Esse mesmo phenomeno foi observado nas Cordilheiras das Andes, com 5:000 metros apenas de altitude. A neve cahia abundante e emquanto brilhava o phenomeno, o observador peruviano notou a existencia de uma substancia vermelha. A analyse d'essa substancia colhida sobre a neve, foi realisada em Stockolm, onde depois de rigorosas experiencias e ensaios se achou ser constituida em 100 partes de: 74 de oxydo de ferro, 8 de oxydo de nickel, 7 de acido silicioso, 2 de alumnina e 4 de magnesia, etc. Esta composição demonstra que a poeira, cuja origem foi geralmente attribuida á erupção do Krakatoa, não provem de nenhum outro vulcão terrestre. E' uma substancia cosmica caida no momento em que o phenomeno eletrico-luminoso se dava.

— A rigidez cadaverica, que na maioria dos casos apparece algumas horas depois da morte, tem sido explicada pela coagulação das materias albuminosas no meio dos tecidos conjunctivo e muscular. Brown Sequard, cujo nome illustre tivemos occasião de citar algumas vezes, instituiu grande numero de experiencias com o fim de demonstrar que: a rigidez cadaverica ordinaria não é o resultado da coagulação das materias albuminosas, mas o effeito final de um resto de energia vital que se extingue lenta e gradualmente na fibra muscular.

Em uma das nossas revistas tratamos das notaveis experiencias e resultados obtidos por Brown Sequard. Cumpre pois aqui dizer que o notavel biologo parece demonstrar que: *quando no momento da morte sobrevem uma lesão* do systema, cujo caracter, séde e mecanismo ficam a determinar de um modo exacto, succede produzir-se uma contracção geral e subita dos musculos capaz de produzir a rigidez cadaverica. Tem para isso feito innumeras observações e experiencias. Citem-se algumas, por exemplo: Conseguiu retardar até ao 37.º dia depois da morte a producção do phenomeno, tendo-o tambem obtido immediatamente por meio de lesões muito circumscriptas do systema nervoso.

Faz notar que é frequente nos campos de batalha os soldados, fulminados pelo projectil e mortos sem convulsão, conservarem a attitude que tinham n'esse momento supremo. Ha um typo de morte, a que B. Séquard chama morto por *inhibição*, e consiste no facto da influencia dos centros nervosos suspender repentinamente todas as acções vitaes, procurando uma contracção geral.

Não se deve confundir a contractilidade e a irritabilidade. O musculo poderá haver perdido a ultima e portanto ficar isensivel á irritação mecanica, ou galvanica, mas conservar todavia a propriedade de contrair-se, e tanto assim que a substancia parda da espinhal-medulla, a qual não é irritavel, se apresenta activa.

— O sr. Chatin, apresentou á Academia das Sciencias de Paris uma memoria em que fez notar a presença de numerosissimas especies dos Alpes na Flora de Paris. Cabe dizer aqui que, quando Link herborisou em Portugal, ficou verdadeiramente maravilhado das especies de localidades relativamente remotas que lhe offereciam no nosso territorio. Teremos occasião de tratar proximamente do assumpto.

João de Mendonça.

ANTONIO ENNES

(Concluido do n.º 286)

Depois do drama o *Luxo* Antonio Ennes não voltou mais ao theatro de que é uma das brilhantes glorias.

O seu bello talento, esse talento poderoso tão

maravilhosamente dotado para a scena, não tem estado ocioso, tem se espalhado por trabalhos d'outros generos, a *Historia universal*, uma obra de grande importancia, o *Caminho errado*, um romance interessantissimo publicado em folhetins n'um jornal do Brazil, trabalhos valiosos, que tem mantido e continuado a famosa reputação do seu nome, mas que não teem continuado essa obra gigantesca para que Antonio Ennes parecia talhado de molde; a creação d'um reportorio dramatico original, moderno e vigoroso.

Por outro lado a politica, essa maldita politica portugueza, tão insignificante, tão reles, tão interesseira e pessoal, essa lucta mesquinha de personalidades, lucta azeda, insidiosa, de *diçes tu direi eu* malevolos, perfidos, de declarações chochas e banaes, apossou-se do grande dramaturgo e fez d'elle um politico militante.

Eu odeio profundamente a politica portugueza, odeio-a por si, pela sua insignificancia, pelos seus fins e pelos seus meios, odeio-a pelos homens importantes, pelos poderosos talentos, pelas brilhantes actividades que ella tem desviado do seu glorioso caminho, para os inutilisar, para os despertigiar nas suas luctas mesquinhas insignificantes, dolorosamente desconsoladoras.

Antonio Ennes foi envolvido na onda enorme, de que poucos escapam no nosso paiz.

É um jornalista politico, mais por dever de lealdade partidaria, do que por vocação propria.

O seu espirito levantado e cheio de radiantes ideaes, o seu caracter n bre, lavado de odios rancorosos e de invejas vís, é para muito mais do que para essa coisa ingloria e pequenissima que entre nós se chama — fazer politica.

O seu talento poderoso tem todas as aptidões, e por isso entrando para o jornalismo politico o seu logar estava-lhe logo marcado entre os primeiros, mas conhece-se que no fundo Antonio Ennes está contrafeito n'essas rixas quotidianas, n'esses combates que os partidos ferem todos os dias: combate por combater: faz o seu dever de soldado a quem é confiado um posto importante, mas por detraz dos seus artigos de lucta não troveja um rancor, não assobia uma inveja.

Como todos os homens de excepcional merecimento, Antonio Ennes, tem a serenidade olympica dos gigantes; não o incommodam a gloria dos outros, não o molestam as victorias alheias.

Com mui alta consciencia da sua dignidade para se humilhar, com mui grande insenção de caracter, para se impôr, Antonio Ennes tem conservado na vida politica completamente intactas todas as grandes qualidades de coração e de espirito que lhe conhecemos e que lhe apreciamos desde os bancos das aulas.

D'então até hoje, n'essa serie já rasoavel de annos que teem decorrido, Antonio Ennes é ainda o mesmo que era: — um grande talento e um grande caracter.

Antonio Ennes tem sido deputado em varias legislaturas, e faz parte da actual camara.

Tem fallado varias vezes, não é um orador fogoso, um tribuno parlamentar que levante ruidosos enthusiasmos, mas é um orador correctissimo, falla com grande facilidade, o periodo sae-lhe sempre d'uma fórma elegantemente litteraria, as questões são sempre tratadas por elle com um alto criterio, uma grande proficiencia, com toda a seriedade d'um espirito serio e reflectido.

No partido progressista Antonio Ennes occupa uma posição proeminente, a que lhe dá direito o seu talento, o seu caracter e a sua dedicada fidelidade á politica em que se filiou.

Agora o sr. ministro do Reino, tendo de preencher o logar de bibliothecario-mór da Bibliotheca Nacional, vago pela morte do sr. conselheiro Mendes Leal, escolheu Antonio Ennes.

Quando se tratou d'essa nomeação dissemos na chronica do Occidente o que entendemos a respeito d'ella.

A brilhante capacidade litteraria de Antonio Ennes, a sua sólida illustração, as suas aptidões tão gloriosamente provadas indicavam-n'o naturalmente para esse logar.

O ministro do Reino fazendo de Antonio Ennes bibliothecario-mór fez um acto de optima administração.

Não é muito vulgar esta boa sorte nas nomeações dos altos cargos officiaes.

Muitas vezes homens realmente notaveis são nomeados para cargos inteiramente avessos ás suas aptidões especiaes.

D'esta vez não se deu este caso.

As aptidões especiaes de Antonio Ennes são de molde para esse logar, e abstrahindo completamente da politica, fosse qual fosse o partido a que pertencesse o governo que fez a nomeação, qualquer ministro do Reino, que quizesse preencher esse logar vago tendo só em vista as condições especiaes d'esse logar, e o seu bom desempenho, não poderia escolher melhor do que esse illustre escriptor que pelo seu talento tão notavelmente affirmado, pela sua vasta erudição, pelos trabalhos serios a que se tem dedicado, pela mocidade que ha ainda debaixo dos seus cabellos brancos, pela actividade exhuberante do seu espirito em plena virilidade, offerece todas as garantias de desempenhar esse elevado cargo, á altura de todas as suas grandes responsabilidades.

E Antonio Ennes é, um d'esses levantados caracteres cheios de brio e dignidade, que nunca acceitariam do favor d'um ministro um logar qualquer que acima da amisade lhes não fosse dado pela justiça.

Não foram os seus serviços politicos que lhe deram esse logar: conquistou-o elle pelo seu notavel talento, pelo trabalho persistente e brilhante de toda a sua vida litteraria, e por isso a sua nomeação foi consagrada pelo applauso de amigos e adversarios, foi por isso que fez honra ao nomeado e ao ministro que o nomeou.

Gervasio Lobato.

A expedição ao Muata Yanvo

(Continuado do n.º 283)

Os filhos do Congo queriam ir d'alli para Malange, onde esperavam arranjar um pequeno caixão, no qual podessem transportar os ossos do principe e seguir depois para o Congo.

Dias de Carvalho, porém, disse-lhes que era melhor continuarem a trabalhar até o dia dos annos do nosso rei, que depois elle mesmo lhe mandaria arranjar um caixão muito bonito, como se não poderia fazer em Malange, nem ainda no Congo, levariam a sua correspondencia e algumas cargas e em Malange os mandaria vestir decentemente para se apresentarem ao seu rei, a quem tambem escreveria, assim como aos nossos padres que estão junto d'elle. Os negros concordaram com tudo, dizendo:—Sim senhor, o que o sr. major disser é o que faremos.

Effectivamente, passado o dia e as festividades acima descriptas, mandou o chefe construir um pequeno caixão de boa madeira, forrado de baeta azul, guarnecida de galão d'ouro, proprio para o effeito, e em todas as faces emblemas funebres differentes, que recebera do Porto. Ficou até luxuoso para a localidade, e os negros quando o viram ficaram doidos de alegria. Como é varia a sorte ainda de uns ossos mirrados!

Aquelle que fôra principe, despojado depois de morto das mesquinhas galas do deserto, mirrado e secco, recolhido em um sacco miseravel, era restituido por uns estrangeiros, que outros alcunham de barbaros, á honra e á decencia devida aos finados, que é um dos mais sagrados timbres do homem civilisado.

Deviam aquelles, já não infelizes, seguir no principio do mez para o seu destino, mas a fuga dos taes *ma-songos*, acima referida, obrigou o chefe a mandal-os retroceder, quando iam já no primeiro dia de viagem, porque se lembrou, e muito sensatamente, de que aquelles queriam aproveitar a occasião de roubar a pequena caravana de 10 ou 12 (porque cinco seguem com elle para o interior) o que alem do que lhes pertencia, levavam uma boa ponta de marfim, que remettia para o Porto, e mais umas tres caixas.

É ponto de fé para os expedicionarios que elles não só seriam roubados e expoliados de tudo, mas que os *ma-sangos* os amarrariam e maltratariam, e venderiam a todos por qualquer preço que fosse lá nas margens do Cuango.

Avisados, porém, pela escolta que o chefe enviou no seu encalço, voltaram muito satisfeitos e continuaram ao serviço trabalhando nas estradas muito contentes por terem rações, e dispostos a seguirem com o chefe na sua marcha.

Acontece, porém, chegar uma caravana de bengalas da Musumba, onde vinham muitos conhecidos do interprete da missão e de um parente d'elle que marchava com a caravana; aproveitou-se pois a occasião de seguirem o seu caminho.

N'este tempo offerece-se ensejo ao *Cahungula* de mostrar grandes desejos de que *Muène-Puto* mandasse para alli uma feira como a de *Casange*. Os quiocos continuaram a incommodal-o com correrias aos povoados para roubarem mulheres e um parente tenta empolgar-lhe o *Estado*. Para cortar demoras e evitar razões, estando todos reunidos e presentes os filhos do Congo, lê-lhes o chefe o tratado ultimamente celebrado por Cabinda, e elles reconhecem os nomes dos principes e grandes e são elles que o auxiliam a convencer o *Muata* e o *Cahungula* a pedirem o protectorado de *Muène-Puto*. D'aqui se originou o tratado que com elles celebrou e com toda a solemnidade, o qual já deve encontrar-se no ministerio do ultramar.

Umas das clausulas d'esse tratado que nos parece agradarão a todos, são: a residencia d'uma auctoridade e de uma força militar portuguezas, n'aquelle territorio, e a abertura de boas vias de communicação, sendo o primeiro caminho a fazer-se o que d'alli deve seguir por terras de *Muata-Lumbana* e *Muène-Puto Casengo* ás terras do Congo.

Ao rei do Congo escreveu logo o chefe, a fim de elle fazer sair do seu Estado, o mais tardar em maio, uma caravana para a *Musumba* por *Muène-Puto Casengo*, onde se deverá encontrar com Dias de Carvalho, que alli espera encontrar-se então com os filhos que por aquelles sitios andam dispersos, e a elle se devem reunir pouco a pouco.

Este caminho uma vez aberto é de grande vantagem para nós: 1.º porque o *Zaire* é um porto franco; 2.º porque o *Congo* fornece nos carregadores de mais confiança e mais certos; 3.º porque os proprios naturaes do *Congo* se fornecem dos artigos que o nosso commercio lhe proporcionar, para d'aqui seguirem para *Musumba* e para o *Lubico*.

Depois, como é de esperar, se a expedição conseguе levar a boa conclusão taes projectos, já o paiz lhe fica devendo importantes serviços. E além d'isso se a nossa influencia entre aquelles povos ainda é tamanha, como pelo testemunho, ainda dos nossos maiores inimigos, é notorio, ainda muito maior se tornará tanto alli, como no Congo.

O Muata tambem pediu ao chefe para officiar em seu nome ao rei do Congo, a fim de lhe assegurar quanto elle se achava animado dos melhores desejos de estreitar as relações entre os dois estados, auxiliado pela proveitosa intervenção do amigo e protector commum *Muène-Puto*.

Partiu a caravana com a correspondencia augmentada, levando além d'isso um presente do Muata para o rei do Congo.

A expedição devia d'alli partir no dia 1.º de dezembro, por que no dia 29 de novembro devia haver a cerimonia da *Lucanga*, distinctivo que se colloca na perna direita do Muata; é o primeiro preceito, segundo elles, e faz se antes de entrar na Musumba. É natural que haja grandes bebedeiras.

(Continúa)

J. B.

RESENHA NOTICIOSA

Academia Real das Sciencias. Reuniu no dia 9 do corrente, sob a presidencia de el-rei D. Luiz, os membros da Academia Real das Sciencias. O sr. Vilhena Barbosa fez o elogio funebre do academico o sr. Mendes Leal, e propoz que se lançasse na acta um voto de sentimento pela morte do distincto academico, o que foi approvado. Communicou tambem que a sessão solemne do anniversario da Academia devia ter logar no dia 19 do corrente. O sr. conde de Ficalho participou que alguns cavalheiros de Serpa projectaram erigir um monumento n'aquella villa ao abbade Correia da Serra, homem distinctissimo nas sciencias, lettras e politica, mas que para pôrem em pratica o seu pensamento solicitavam a cooperação moral da Academia. El-rei disse que julgava interpretar os sentimentos da Academia assegurando a sua cooperação para uma obra tão patriotica, e o sr. Thomaz de Carvalho propoz que se escrevesse a biographia do abbade Correia da Serra para tornar mais conhecidos em Portugal os seus trabalhos feitos em França e nos Estados-Unidos, lembrando para este encargo o sr. conde de Ficalho, o qual acceitou a honrosa missão. Procedeu-se depois á eleição dos cargos dirigentes da Academia que deu o seguinte resultado: Vice-presidente, o sr. conde de Ficalho; secretario geral, o sr. Latino Coelho; vice-secretario, o sr. Pinheiro Chagas; thesoureiro, o sr Pegado; inspector da bibliotheca, o sr. Vilhena Barbosa; commissão revisora, os srs. dr. Amado e Silveira da Motta.

Cholera morbus. As ultimas noticias d'esta epidemia não são nada satisfatorias. Não só ella continua fazendo victimas no oriente, onde em Belgrado, desde 21 até 27 de novembro findo, tinha havido cerca de 50 casos, sendo 10 fataes, e dos quaes 27 se haviam dado nas tropas da guarnição; mas ha algum tempo se tem manifestado na America do Sul. Na republica de Buenos-Ay-

res vae-se estendendo, e segundo um telegramma de Londres que alguns periodicos deram *sob as maiores reservas*, aos milhares de pessoas que o puderam lêr, que o flagello se havia manifestado no Paraguay e no Rio de Janeiro. O ceo permitta que não se verifique.

Galeria da Ajuda. Esta galeria de quadros do paço da Ajuda vae ser posta a publico, reunindo todos os quadros notaveis que se acham nas differentes salas do palacio.

Demissão do governo francez. Em virtude de uma proposta de um deputado para supressão dos sub-perfeitos, proposta com que o governo não concordou, mas a favor da qual a camara se pronunciou, dando um cheque no governo, obrigou este a apresentar ao sr. Grevy a sua demissão. Este incidente veiu estabelecer uma crise difficil de conjurar, porque pelo actual estado do parlamento francez, o sr. Grevy não tem indicação constitucional que o guie na formação de novo gabinete. As ultimas noticias dão o sr. Goblet encarregado de formar governo em que parece entrarão parte dos ministros dimissionarios.

Archeologia. Em escavações a que se tem procedido na Varsea de Lirio, proximo de Brenha, descobriram-se grandes quantidades de lascas de silex, fragmentos de facas, pontas de silex com forma rudimentar de setas, alguns fragmentos de ceramica, uma pequena acha de pedra polida, duas laminas de faca e a estremidade de uma seta de crystal de rocha. Nos *tumulos* do Cabeço das Alhadas, proximo do mesmo local, foram encontrados instrumentos primitivos de osso, mais fragmentos de ceramica, etc. Todos estes achados são importantes.

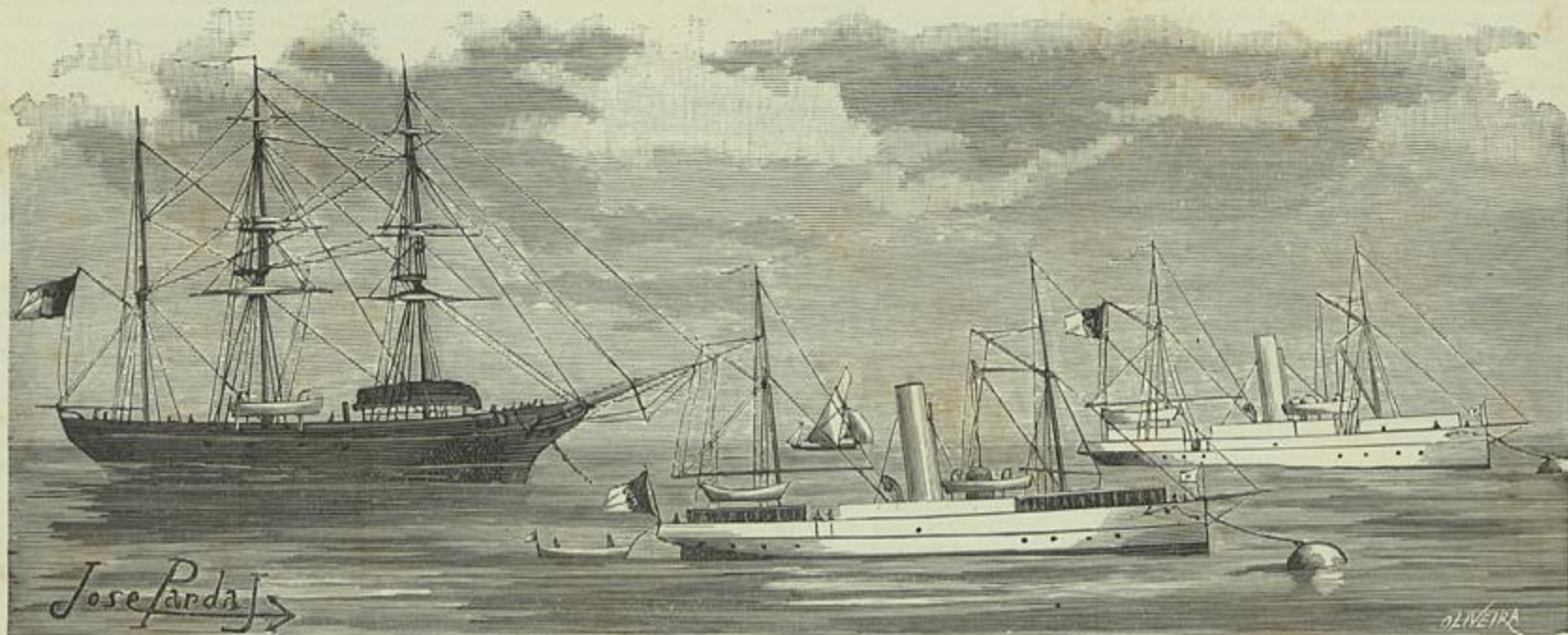
Exposição de quadros. Vae realisar-se brevemente no palacio de Crystal do Porto uma exposição de quadros.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Fabulas de La Fontaine, illustradas por Gustavo Doré, texto portuguez por Bocage, Filinto Elysio, Curvo Semmedo, Costa e Silva, Malhão e Couto Guerreiro, e pelos mais notaveis poetas contemporaneos de Portugal e Brazil, David Corazzi, editor, Lisboa. Fasciculo n.º 16 d'esta notavel obra que se recommenda tanto pela sua grande popularidade como pelas magnificas illustrações com que Gustavo Doré abrilhantou as suas paginas. Acresse ainda a belleza da versão portugueza devida aos autores mais conceituados da litteratura portugueza, onde figuram nomes de autores que já não existem e que tão boa memoria deixaram de si nas suas obras. Este livro que tem sido traduzido em quasi todas as linguas cultas, não tinha ainda uma edição em portuguez, e é essa falta que a presente edição preenche de uma maneira digna.

Revista Illustrada, director e redactor pirncipal Luiz Antonio Gonçalves de Freitas, Lucas & Filho, editores, Lisboa. N.º 1 relativo a 5 de novembro com que inaugurou a sua publicação esta revista litteraria onde collaboram os srs. Bulhão Pato, dr. Castro Pereira, Conde de Seisal, dr. Louzada Magalhães, Luiz Guimarães, Alfredo Gallis, Costa Alegre, Xavier de Mello, Libanio da Silva e Gonçalves de Freitas. E' de esperar que tão bella publicação tenha longa vida, o que desde já lhe agouramos, pela excellencia da parte litteraria e elegancia das illustrações.

Jornal de Horticultura Pratica, redactor Duarte de Oliveira Junior, proprietario José Marques Loureiro, Porto. Volume XVII, dezembro 1886, numero 12 com que conclue o decimo setimo volume e anno de existencia prestante e valiosa. O *Jornal de Horticultura Pratica*, é a melhor publicação que no seu genero se faz no paiz.

MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA — A barca «Cabinda» e os vapores «Massabi» e «Cacongo», destinados ao nosso districto do Congo

(Desenho pelo artista amador sr. José Pardal)

Instituições Catholicas *revista mensal religiosa e scientifica de Portugal e mais paizes catholicos*, etc., director e redactor principal padre Arthur Eduardo d'Almeida Brandão, Porto. Vol. 1 n.º 3, novembro de 1886. Consuante o titulo esta revista occupa-se de assumptos religiosos e publica grande variedade de artigos, que tanto devem interessar ao clero como ao bom catholico.

Novo methodo para aprender a lingua latina, por Ollendorff e Benot, adequado para uso dos portuguezes e brazileiros por Manoel Bernardes Branco, da Academia Real das Sciencias, etc., Tavares Cardoso & Irmão editores, Lisboa. Este novo methodo recommenda-se pela simplicidade e clareza da exposição, e d'isto resulta a sua grande vantagem para quantos precisem ou queiram estudar a lingua latina. O sr. Manoel Bernardes Branco, prestou com a confecção d'este livro um bom serviço á instrucção publica, no que foi secundado pelos srs. Tavares Cardoso & Irmão que o editaram, e poucos livros dos que para ahi se publicam com destino á instrucção, se nos afiguram tão conscenciosos e uteis como este.

Ensaios scientificos e criticos, de Ricardo Jorge lente da Escola Medico-Cirurgica do Porto, Typographia Occidental, Porto 1886. E' um volume de 229 paginas em que o sr. Ricardo Jorge reuniu alguns dos seus bellos artigos dispersos por diversas publicações, juntando-lhe alguns trabalhos ineditos. Para darmos uma ideia do que é a obra, bastará indicar summariamente os assumptos sobre que versa, e são elles: O bioplasma e a biodynamica; O reino dos protistas; Luiz de Verney; Os grandes homens e as commemorações civicas; A balneação antiga; A educação moderna; A vontade; Medicina nacional; Litteratura portugueza. Qualquer dos assumptos que deixamos innumerados, é tratado com bastante profisciencia e elevação, no que o auctor justifica cabalmente a reputação que tem nas sciencias e litteratura portuguezas, e esta não é a que menos o absorve, por que dá boa prova d'isso quando faz a critica da *Histoire de la littérature portugaise, depuis son origine jusqu' à nos jour*, de Loiseau. A maneira como o sr. Ricardo Jorge respiga este livro, é brilhante e mostra mais uma vez quanto os estrangeiros conhecem pouco as nossas cousas, mesmo aquelles que melhor vontade parecem ter de as conhecer.

Principios Elementares de Musica, para uso das escolas de ensino primario de um e outro sexo, colligidos segundo o programma official, por Eduardo Macedo, Livraria Portuense de Lopes & C.ª, editores, Porto, 1886. E' uma segunda edição este pequeno compendio, que facilita o estudo elementar da musica, ao alcance da comprehensão mais fraca. Este compendio deverá ser completado com outros que se lhe seguem e que constarão de exercicios de solfejos e de cantos choraes portuguezes.

Projecto de Programma e Regulamento do Curso de Esculptura da Escola Portuense de Bellas-Artes, apresentado em conselho da mesma escola pelo professor da respectiva cadeira, Antonio Soares dos Reis, etc., Porto, 1886. Este projecto que contem a reforma do ensino de esculptura no sentido de dar mais garantias e vantagens aos estudantes que se distinguam pelo seu talento, estabelecendo o ensino por disciplinas em vez de annos, é precedido de uma explicação prévia do seu autor, que é um justo brado contra a rotina que se oppoz a que este programma fosse discutido. Nós acompanhamos o distincto professor nas suas idéas de todo o ponto, sensatas e justas, e que sem prejudicarem o ensino, tem a grande vantagem de melhor o aproveitar os estudantes, que pela sua capacidade estejam n'essas circumstancias.

Typ. Elzeviriana — R. do Instituto Industrial, 23 a 31 — Lisboa.